

# PERCEPÇÃO DE MULHERES ATLETAS QUE VIVENCIARAM A GESTAÇÃO

*Data de submissão: 03/07/2023*

*Data de aceite: 01/08/2023*

### **Maria Antonia Ramos Costa**

Universidade Estadual do Paraná -  
UNESPAR. Paranavaí - PR  
<http://lattes.cnpq.br/8519325093149115>

### **Carla Eduarda dos Santos Carvalho**

Universidade Estadual do Paraná -  
UNESPAR. Paranavaí - PR  
<http://lattes.cnpq.br/5206807553673838>

### **João Pedro Rodrigues Soares**

Universidade Estadual do Paraná -  
UNESPAR. Paranavaí - PR  
<http://lattes.cnpq.br/2857510957425046>

### **Célia Maria Gomes Labegalini**

Universidade Estadual do Paraná -  
UNESPAR. Paranavaí - PR  
<http://lattes.cnpq.br/0026263831825992>

### **Hellen Emília Peruzzo**

Universidade Estadual do Paraná -  
UNESPAR. Paranavaí - PR  
<http://lattes.cnpq.br/6331163915817282>

### **Heloá Costa Borim Christinelli**

Universidade Estadual do Paraná -  
UNESPAR. Paranavaí - PR  
<http://lattes.cnpq.br/7222741015173387>

### **Willian Augusto de Melo**

Universidade Estadual do Paraná -  
UNESPAR. Paranavaí - PR  
<http://lattes.cnpq.br/4396880684500391>

### **Dandara Novakowski Spigolon**

Universidade Estadual do Paraná -  
UNESPAR. Paranavaí - PR  
<http://lattes.cnpq.br/1655443191957455>

### **Flávia Cristina Sierra de Souza**

Universidade Estadual do Paraná -  
UNESPAR. Paranavaí - PR  
<http://lattes.cnpq.br/2401195927095044>

### **Giovanna Brichi Pesce**

Universidade Estadual do Paraná -  
UNESPAR. Paranavaí - PR  
<http://lattes.cnpq.br/3641799218579072>

### **Patrícia Louise Rodrigues Varela**

Universidade Estadual do Paraná -  
UNESPAR. Paranavaí - PR  
<http://lattes.cnpq.br/1671329317048079>

### **Maria Luiza Costa Borim**

Universidade Estadual de Maringá – UEM  
Maringá – PR  
<http://lattes.cnpq.br/3321299893198609>

**RESUMO:** No contexto cultural são muitos os desafios vivenciados pela mulher, principalmente no que tange a discriminação de gênero e acolhimento durante a gestação. No esporte de alto rendimento este cenário é ainda mais evidente. Portanto, o objetivo do presente foi compreender a percepção da mulher atleta sobre sua gestação. Trata-se de uma pesquisa descritiva-exploratória de abordagem qualitativa, realizada com 16 atletas que atuam ou atuavam em equipes de atletismo dos estados de São Paulo e Paraná que vivenciaram a gestação enquanto atletas. Elas foram localizadas em um grupo da rede social *Facebook*®. A coleta de dados foi realizada no mês de junho de 2019 por meio de um questionário autoaplicável. Os resultados foram analisados a partir da análise de conteúdo. Seguiu-se todos os preceitos éticos das Resoluções 466/12 e 510/2016 (parecer nº3313157/2019). Dos discursos emergiram duas categorias: “O período gestacional para mulheres atletas”, na qual foram relatadas as mudanças no treinamento durante e após a gestação; e “A mulher atleta e as perspectivas após a gestação”, na qual descreve-se os aspectos sobre a rede de apoio e o desfecho após a gestação, especialmente as dificuldades vivenciadas. A gravidez trouxe grandes transformações físicas e mentais para a vida atlética desde o descobrimento da mesma. Tal fato se torna mais evidente após o parto, que impactou, por vezes, negativamente na sua vida como atleta. Embora tenham vivenciado inúmeros desafios, a maioria das participantes acredita ser possível ser mãe e atleta, desde que tenham uma rede de apoio familiar e profissional consolidada.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mulheres; Gravidez; Atletismo.

## PERCEPTION OF WOMEN ATHLETES WHO EXPERIENCED PREGNANCY

**ABSTRACT:** In the cultural context, there are many challenges experienced by women, especially with regard to gender discrimination and reception during pregnancy. In high performance sports this scenario is even more evident. Therefore, the objective of the present was to understand the perception of the female athlete about her pregnancy. This is a descriptive-exploratory research with a qualitative approach, carried out with 16 athletes who work or worked in athletics teams from the states of São Paulo and Paraná who experienced pregnancy as athletes. They were located in a group on the *Facebook*® social network. Data collection was carried out in June 2019 using a self-administered questionnaire. The results were analyzed from the content analysis. All ethical guidelines in Resolutions 466/12 and 510/2016 were followed. Two categories emerged from the speeches: “The gestational period for women athletes”, which changes in training were reported during and after pregnancy; and “The female athlete and the perspectives after pregnancy”, which aspects about the support network and the outcome after pregnancy are described, especially the difficulties experienced. Pregnancy has brought physical and mental changes to athletic life since its discovery. This fact becomes more evident after delivery, which sometimes impacted negatively on your life as an athlete. Although they have experienced numerous challenges, most participants believe it is possible to be a mother and an athlete, since they have a consolidated family and professional support network.

**KEYWORDS:** Woman; Pregnancy; Athletes.

## 1 | INTRODUÇÃO

As práticas esportivas vêm ganhando destaque pela sociedade com o passar dos anos, transformando-se em grandes espetáculos de entretenimento. Além do lazer proporcionado pela atividade, o espaço esportivo também é utilizado por mulheres na busca pelo empoderamento e igualdade de gênero, uma vez que envolve espaços majoritariamente ocupados pelo público masculino (BAHIA e SILVA, 2018).

A estruturação do esporte no Brasil iniciou-se em clubes esportivos, nos quais o acesso era restrito exclusivamente a sócios e possuía caráter competitivo. Não sócios eram admitidos apenas quando obtinham destaque em modalidades, demonstrando potencial para o esporte de alto rendimento e conseqüentemente o lucro. Dessa forma, o desporto seletivo instituiu-se como base do sistema esportivo nacional, estruturando desde então o caráter elitista do esporte brasileiro (SANTOS; VAGETTI; OLIVEIRA, 2017).

Essa elitização é um dos fatores responsáveis pela presença apenas das classes econômicas dominantes, tendo grande preconceito, estigma e opressão a inserção não somente de indivíduos às margens econômicas, mas permeando questões de raça, aparência, designação sexual e gênero. Sendo, ainda hoje, problemáticas, exemplificadas na desvalorização das categorias femininas quando comparadas as masculinas (MOURA et al, 2017).

No contexto histórico, durante muitos anos a prática esportiva foi vetada às mulheres, fundamentada no discurso da sua fragilidade, condição biológica e pela sua condição materna. Após anos, mesmo com a inclusão do gênero feminino na realidade do esporte mundial, nota-se ainda a presença de uma diferença no tratamento entre atletas masculinos e femininos. Na busca pelo alto rendimento, a mulher vivencia o preconceito e os cortes por equipes e contratantes (BAHIA e SILVA, 2018).

No Brasil, a proteção à maternidade está amparada por leis trabalhistas, mas que não são contempladas no mundo esportivo, e não previnem comportamentos inadequados, grosseiros e preconceituosos com as atletas gestantes, incluindo a retirada da equipe e até a interrupção do pagamento de salários e/ou bolsas determinado (BRASIL, 1988). A saúde da mulher versa sobre a manutenção de seus direitos sexuais e reprodutivos, para além do setor saúde, compreendo o papel social para tal, assim, se faz pertinente conhecer, na perspectiva de mulheres atletas, como se dá a gestação em seu ambiente de trabalho, com vistas à proteção da mulher e a garantias sociais desse momento, bem como nortear as políticas públicas nesse contexto. Dado o exposto, questionou-se: qual a percepção da mulher atleta que vivenciou a gestação em relação ao seu contexto de trabalho? Para tanto, este estudo teve como objetivo compreender a percepção da mulher atleta sobre sua gestação.

## 2 | METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de caráter descritivo, exploratório, com abordagem qualitativa, realizado com 16 atletas atuantes em equipes de atletismo dos estados de São Paulo e Paraná que vivenciaram a gestação e retornaram ou não ao treinamento e participam de um grupo social on-line. Estes estados foram selecionados por conveniência, uma vez que possuem amplo número de atletas. Utilizou-se como critério de inclusão: mulheres que realizam o esporte atletismo; atletas que participaram de eventos locais, regionais e/ou internacionais antes da gestação; participantes de um grupo em rede social. Quanto aos critérios de exclusão adotou-se: ter menos de 18 anos e não ter vivenciado a gestação durante o período de atuação.

As atletas foram localizadas em um grupo específico de ex atletas aberto a participação na rede social Facebook®, elas foram contatadas por meio de mensagem privada via plataforma digital, na qual foram orientadas sobre a pesquisa e solicitado outro meio para contato. Aquelas que demonstraram interesse em participar foram contatadas pelo *e-mail*, recebendo um convite formal para a participação e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Após preenchimento e devolutiva do TCLE, as mulheres receberam o *link* para responder ao questionário *on-line*.

O questionário foi elaborado na plataforma *Google forms*®, e a coleta de dados foi realizada no mês de junho de 2019. Foi estipulado um prazo de uma semana para que as mulheres respondessem ao questionário e, após este período, um novo *e-mail* para lembrá-las foi enviado, e ainda aos que não foram devolvidos preenchidos, foi realizado um contato por telefone.

O formulário autoaplicável foi elaborado pelas pesquisadoras e abordou questões relacionados ao perfil sócio demográfico das mulheres e uma questão norteadora com vistas atingir o objetivo do projeto, a saber: Como foi a sua vivência durante a gestação enquanto atleta? Questões auxiliares foram adicionadas à medida que se identificou a necessidade. Ademais, novas participantes foram incluídas até atingir a saturação dos dados.

A análise dos dados foi realizada a luz da análise de conteúdo proposta por Bardin, a qual se divide em pré-análise, organização do material, compondo o corpo da pesquisa, na qual formulou-se hipóteses e elaborou-se indicadores que nortearam a interpretação final, porém é fundamental observar algumas regras: (I) exaustividade, esgotando todo assunto sem omissão de nenhuma parte; (II) representatividade, utilizando amostra que representa o universo; (III) homogeneidade dos dados, el relação a estes se referirem ao mesmo tema, sendo coletados por meio de técnica iguais e indivíduos semelhantes; (IV) pertinência, demonstrando a relação dos dados com os s objetivos da pesquisa; e (V) exclusividade, cada elemento deve ser classificado em apenas uma categoria (BARDIN, 2016).

A fim de preservar o anonimato das participantes, utilizou-se como código as iniciais da palavras atleta: “ATL”, seguidas do algarismo arábico correspondente à ordem dos questionários na planilha do Google forms®. A pesquisa seguiu os preceitos éticos de acordo com as Resoluções 466/12 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde e foi aprovado no Comitê de Ética em pesquisas com seres humanos da Universidade Estadual do Paraná sob o parecer nº3313157 de 08/05/2019.

### 3 | RESULTADOS

As atletas participantes tinham idade entre 17 e 37 anos. O grau de escolaridade variou entre cursando o ensino médio e superior completo. Em relação ao estado civil, oito atletas estavam casadas ou se encontravam em um relacionamento estável, e oito eram solteiras. Cinco delas afirmaram ter como profissão ser atleta, as demais possuíam outra profissão.

Sobre o número de gestação, 12 relataram uma única gravidez, três duas e uma três gestações. Já em relação ao número de filhos vivos, 14 atletas tinham um único filho, uma atleta tinha dois filhos e a outra três filhos. Quanto ao tempo em anos de treinamento, variou entre 4 e 25 anos. Sobre o maior nível de competição que as atletas participaram, oito já participaram de competição internacional, sete de competições nacionais e uma de competição regional.

Na análise de conteúdo duas categorias emergiram dos discursos: “O período gestacional para mulheres atletas” e; “A mulher atleta e as perspectivas após a gestação”, e elas estão descritas a seguir.

#### 3.1 O Período Gestacional Para Mulheres Atletas

As entrevistas demonstram que a gravidez não foi planejada para a maioria das atletas, apenas uma delas afirmou que planejada a gestação, ilustrado nas falas a seguir:

“[a gestação ocorreu] no período em que eu estava no auge como atleta tinha acabado de ser vice-campeã sul-americana. Aos 20 anos e não foi planejada”. (ATL11)

“Minha gestação aconteceu em um momento em que não estava conseguindo obter resultados no atletismo e também com dificuldades para treinar. E eu estava tentando engravidar desde o começo do ano”. (ATL 9)

As mulheres relataram que as mudanças na vida delas enquanto atletas aconteceram após descobrirem a gestação, especialmente na rotina de treinamento, como mostra as falas a seguir:

“Mudou tudo, pois parei de realizar os treinamentos que realizava até o momento da descoberta da gravidez, pois os meus eram de alto impacto”. (ATL 1)

“Mudou completamente a minha rotina diária, desde a alimentação ao planejamento de treino”. (ATL 4)

O tempo de treino foi um dos principais itens alterados após a descoberta da gestação. A maioria citou que treinava seis vezes na semana, variando de uma a oito horas diárias, e após a gestação as atletas não deram continuidade aos treinamentos específicos de atletismo e quatro responderam ter dado continuidade por certo período. Apenas duas afirmaram terem mantido os treinamentos. As justificativas da interrupção ou diminuição do treinamento estão disponíveis nas seguintes falas:

“Não dei continuidade aos treinamentos específicos, pois eram treinamentos de alto impacto, mas me mantive ativa fisicamente sim, pratiquei musculação e corrida de baixa intensidade”. (ATL 1)

“Eu parei com os treinos para cuidar da gestação”. (ATL 3)

“Mantive o treinamento normal de atletismo (treinos correspondentes aos 200m e 400m rasos)”. (ATL 5)

Sobre as atividades físicas praticadas durante a gestação a corrida de baixa intensidade obteve destaque, seguida da caminhada, musculação e treinamento específico de atletismo, além de atividades como: pilates, hidroterapia, trabalhos de fortalecimento e atividade domiciliar.

Quanto ao tipo de parto e quanto ao tempo da recuperação a volta aos treinos, nove atletas relataram que tiveram parto vaginal e todas com recuperação rápida, a volta aos treinos específicos variou de 30 dias a cinco meses. As atletas que fizeram cesariana, sete afirmaram que tiveram também recuperação rápida e voltaram aos treinamentos entre dois e três meses, três atletas responderam não ter voltado aos treinamentos:

### **3.2 A Mulher Atleta e as Perspectivas Após a Gestação**

Todas as mulheres pesquisadas tinham como profissão principal o atletismo. Em relação ao contrato trabalhistas, 11 entrevistadas tinham contrato com alguma equipe antes da gestação, destas, sete não tiveram seus contratos estendidos durante e após a gestação, e quatro continuaram com suas equipes. Do total de atletas, quatro não tinham contrato com nenhuma equipe no momento da gestação e uma atleta não respondeu, conforme os excertos:

“Se estendeu apenas até o sétimo mês de gestação, após esse período não tive mais contrato com nenhuma equipe”. (ATL 2)

“Ambas as gestações haviam contrato e ambos não se estenderam”. (ATL 3)

“Me mantive na mesma equipe desde antes da gestação até o pós-parto “. (ATL 6)

Quando questionadas sobre a equipe fazer parte da rede de apoio no momento da gestação, algumas afirmaram não ter recebido apoio de sua respectiva equipe e outras responderam ter recebido, como mostra os depoimentos a seguir:

“Não recebi, foram poucos que me apoiaram, muitos acreditavam que iria parar de treinar”. (ATL 7)

“Sim sempre me incentivaram a voltar”. (ATL 8)

Em relação a motivação para o retorno a prática esportiva após se tornar mãe, 10 atletas relatam que voltaram a devido a motivação envolvendo: paixão pelo esporte, sonho de ser atleta, bolsa a receber, motivação da equipe, determinação, voltar a ser uma ótima atleta e o filho sendo a maior motivação, como pode ser verificado a seguir:

“O que mais me motivou foi o próprio bebê quero que tenha orgulho de mim, e se inspire. Houve outro fator que foi o desejo da minha mãe de me ver voltar aos treinos, ela faleceu recentemente e isso me motivou a treinar por ela. Apesar de ser difícil por estar sozinha na cidade apenas eu e meu marido, faço o melhor que posso e meu bebê sente isso e me ajuda.” (ATL 16)

“Eu pensei em parar muitas vezes. Mais a paixão que tenho pelo esporte é maior que a vontade de desistir”. (ATL 8)

As atletas que não conseguiram voltar a treinar relatam que os motivos foram os seguintes: idade, lesão, não ter com quem compartilhar os cuidados com o filho, falta de tempo e falta de apoio social e da equipe, como mostra os depoimentos a seguir:

“Tentei voltar aos treinamentos normal, mas não foi possível pela falta de apoio e por falta de tempo, não consegui voltar ao mesmo rendimento que antes, então acabei desanimando e desistindo da modalidade”. (ATL 13)

“O primeiro filho me motivou assim como o sonho de ser atleta a voltar e a bolsa que tinha direito de receber. Já o segundo filho me aterrorizou ter dois filhos e ser atleta no Brasil e viver pelo sonho já não era tão encorajador com 28 anos”. (ATL 2)

Entretanto, predominantemente as mulheres acreditavam ser possível ser mãe e ser atleta, apenas uma não se manifestou sobre esta questão, como se pode identificara seguir:

“Quando se tem apoio e incentivo de pessoas próximas como: marido, pai, mãe, entre outros. Se torna mais fácil de conciliar a carreira com a maternidade por ter a segurança de ter sempre alguém que possa lhe ajudar com tudo em relação ao bebê, o que nos deixa mais confortáveis e despreocupados para dedicar-se melhor ao esporte”. (ATL 3)

“Apesar da pouca valorização depois da maternidade, acredito sim ser possível exercer o papel de mãe e atleta muito bem, um não elimina o outro. Pelo contrário, um motiva o outro, quer melhor exemplo para um filho que uma mãe ‘guerreira’ ou chegar em casa com uma medalha e presentear o filho? É possível sim quando se tem o apoio devido. ” (ATL 4)

As atletas relacionam a possibilidade de manter o trabalho como atleta após a gestação se possuir rede apoio familiar estruturada e rede de apoio no ambiente de trabalho.

## 4 | DISCUSSÃO

Segundo estudo, a gestação não planejada ocorre em média em 80 milhões de vezes por ano, e esse número vem aumentando progressivamente. A gravidez não planejada é definida como toda a gestação que não foi programada pelo casal ou pela mulher; já a gestação indesejada é quando se opõe a vontade do casal (SHAMPAIN et al, 2019). Destaca-se que neste estudo a gravidez não planejada pode ter sido relacionada a gestação indesejada devido ao momento da carreira enquanto atleta que a mulher vivenciava.

A partir do momento que ocorre a fecundação, os aspectos fisiológicos e psicossociais da mulher passam por diversas transformações, essencialmente devido a alterações hormonais e metabólicas. Dentre as mudanças fisiológicas, encontra-se o aumento do peso, que por vezes acontece acima do recomendado (YOOSEFI et al, 2018), o qual pode influenciar no desempenho esportivo.

Uma pesquisa realizada com gestantes da Pensilvânia mostrou que embora 80% das gestantes planejavam realizar atividades físicas durante a gestação, 20% delas não receberam orientações dos profissionais de saúde que as acompanhavam sobre essa possibilidade. A prática das atividades físicas pode ser realizada pela maioria das gestantes, e auxiliam na manutenção ou diminuição do ganho de peso gestacional (LOTT et al, 2019).

Mulheres que praticam atividades físicas durante a gravidez possuem diversos benefícios, tanto para a sua saúde quanto para a fetal. Mulheres atletas podem manter seus treinos, desde que recebam acompanhamento contínuo com profissionais da saúde e frequentemente avaliem a sua situação de saúde, como também do feto, restringindo alguns exercícios conforme a necessidade, e se mantendo atentas a sinais de alerta (PIVARNIK et al, 2016; GORDON, 2019).

Há uma lacuna grande na produção científica a respeito da continuidade ou não dos treinos de atletismos durante a gravidez. O único consenso é de que a prática de exercícios físicos durante a gestação possui diversos benefícios e que os limites maternos e fetais devem ser observados singularmente, em uma comunhão entre profissional de saúde gestante, avaliando riscos e limites do corpo (PIVARNIK et al, 2016; GORDON, 2019).

É consideravelmente alto o número de mulheres que não praticam atividades físicas na gestação, sendo que inúmeros são os benefícios para as praticantes, podendo ser eles físicos e psíquico, os quais poderiam tornar o período gestacional uma fase da vida com menos eventos adversos, tais como: hipertensão, diabetes e outras condições crônicas (PIVARNIK et al, 2016; GORDON, 2019).

Além dos hábitos saudáveis, como a atividade física, a gestação pressupõe a escolha da via de parto. Antes da medicina moderna, a maioria dos partos ocorriam por via vaginal devida à complexidade do parto cesariano, que envolve processos cirúrgicos

e recuperações mais demoradas, e por consequência maior risco para as puérperas e para o feto. Sabe-se que com o passar dos anos houve um aumento no número de partos cesáreos, não apenas pelo advento da medicina, mas também por questões socioculturais de naturalização desse procedimento (OLIVEIRA et al, 2016). Em contramão das tendências atuais, percebe-se que entre as mulheres pesquisadas o parto normal foi o mais presente, tal fato pode estar relacionada a preocupação com a rápida recuperação corporal, essencial para a manutenção de sua atividade profissional.

Evidências apontam que o parto vaginal é mais vantajoso para a mulher e para a criança por ser fisiológico, ter recuperação rápida, menor chances de hematomas, infecções e complicações cirúrgicas para a mãe (OLIVEIRA et al, 2016). Nesse contexto, o parto vaginal possibilitaria que a mulher atleta voltasse mais rápido para sua rotina de treinos.

A teoria crítica do esporte mostra a sua relação com o trabalho, em que este reproduz a sua lógica, objetificando o atleta e projetando nele um caráter de mercadoria, de retificação e disseminação de ideologia, se tornando repressivo e opressivo (SANTOS, VAGETTI, OLIVEIRA, 2017), tal lógica oprime a gestação na mulher, por esta ocasionar em alterações fisiológicas que podem alterar o desempenho da mulher, ou seja, a produtividade do atleta.

A ruptura do contrato empregatício com as gestantes foi observada significativamente nas falas das participantes. A Constituição Federal, promulgada em 1988, prevê a licença maternidade e a manutenção da condição empregatícia desde a descoberta da gestação até cinco meses após seu término, sem prejuízo salarial ou contratual, inclusive para mulheres que possuem contrato por tempo determinado (BRASIL, 1988).

Entende-se que a carreira esportiva não é linear, ou seja, o indivíduo irá passar por diversas fases, com várias exigências que requerem ajustamento na vida financeira, ocupacional, social e psicológica (CAMPOS, CAPPELLE, MACIEL, 2017). Para que haja boa adaptação um dos principais fatores necessários é a rede de apoio. Um estudo relatou que quando há apoio e incentivo por parte dos pais e dos técnicos pode haver influência positiva na continuação da carreira esportiva (MOMESSO et al, 2016).

A fase da maternidade é um novo ciclo para a mulher, no qual se inicia com a comunicação entre binômio mãe e filho. Neste processo a mulher pode sofrer grandes mudanças de identidade, readaptações em relação ao parceiro, a família e ao trabalho: entende-se que a gestante passa a se preocupar mais consigo mesma e com o bebê, dando menos atenção a outros aspectos da vida (ANDRADE, BACCELLI, BENINCASA, 2017).

Uma revisão sistemática expõe que a falta de suporte social, afetivo e fragilidades socioeconômicas são fatores predisponentes para a geração de agravos à saúde da gestante e, por isso, devem ser observados e mitigados (KLIEMANN, BÖING, CREPALDI, 2017). Neste estudo, nota-se que as mulheres em alguns momentos relataram suportes frágeis, muitas vezes sendo seu próprio filho um dos motivadores para a sua permanência no mercado de trabalho.

Uma atleta passa por diversas transições em sua carreira esportiva, e, em alguns casos, acabam não conseguindo lidar com as dificuldades e problemas que surgem, tornando a desistir da profissão esportiva (ANDRES e GOELLNER, 2018; CAMPOS, CAPPELLE, MACIEL, 2018). Todos os atletas estão suscetíveis ao risco de alguma lesão, as quais ocorrem com frequência em praticantes de esportes, principalmente que são considerados de alto impacto, e acabam a resultar ou levar em desistência do esporte (ALVES et al, 2015), a gestação, bem como as lesões, alteram o organismo, e requerem readaptação da atleta, especialmente por sua nova posição social e familiar.

Pesquisas mostram que a discriminação e o preconceito se fazem presentes em nossa cultura e não se difere nos esportes. Podem variar desde a cor da pele, peso, raça, idade, aparência física, religião, sexo e orientação sexual e gravidez (MOURA et al, 2017). O preconceito pelas mulheres na prática de desporto é evidenciado pela sua trajetória nas olimpíadas, por exemplo, que se deu apenas nos anos 90 e necessitou quebrar muitos obstáculos para oficializarem esse espaço (GIGLIO et al, 2018).

A trajetória das mulheres, no contexto do esporte, é caracterizada pelo constante enfrentamento para a conquista de espaços, evidenciado no prestígio hierárquico dos homens e pela relativa menor exposição das mulheres esportistas pela mídia, bem como pelas premiações mais baixas que as atletas de ponta recebem em relação aos homens (MOURA et al, 2018). E ainda, o estudo de Brauner (2015) demonstra que as mulheres são menos valorizadas e predominam com salários menores em diversas áreas de atuação no mercado de trabalho, e não somente no esporte.

Apesar dos avanços obtidos em relação a não discriminação da mulher, dados estatísticos mostram que ainda há muito o que fazer para que haja tratamento igualitário entre homens e mulheres (BRAUNER, 2015), sendo necessário a transformação da visão social do ser mulher e seu papel social, e esta é fortalecida com a inserção de mulheres no esporte de alto rendimento, e na manutenção de suas carreiras pós-maternidade.

## **5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por meio do presente estudo verificou-se que a gravidez trouxe grandes transformações físicas e mentais para a vida atlética das mulheres, as quais perpassam desde o descobrimento da gravidez, o processo da gestação e ficaram mais evidentes após o parto.

Por vezes, os impactos da vivência gestacional na vida pessoal e profissional demonstraram-se negativos, com impactos significativos na arrecadação financeira, na rede de apoio e nas habilidades corporais devido às alterações advindas da gestação.

Embora diversas adversidades tenham sido relatadas, as mães que experimentaram a gestação durante a carreira atlética relataram que é possível conciliar as atividades profissionais com a maternidade. Asseguradas pelas leis, pela rede de apoio familiar e

nas equipes em que atuam, conseguem transgredir as dificuldades e passar por essa fase com resiliência e permanecerem na carreira, tendo o filho até mesmo como um fator de incentivo.

Este estudo teve como limitação o fato do questionário ser *on-line* e autoaplicável, pois a dificuldade do contato direto com as mulheres atletas que vivenciaram a gestação não permitiu observar reações subjetivas às respostas dadas às perguntas, pois este fato poderia qualificar os resultados e as discussões, subsidiando de uma forma mais eficiente as reflexões sobre a gestação e sua relação com a vida da mulher profissional do atletismo.

## REFERÊNCIAS

ALVES, A.T. ; OLIVEIRA, D.M.; VALENÇA, J.G.S. et al . Lesões em atletas de futevôlei. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 185-190, jun. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.rbce.2015.02.003>. Acesso em 06 out. 2019.

ANDRADE, C.J.; BACCELLI, M.S. E BENINCASA, M. O vínculo mãe-bebê no período de puerpério: uma análise winnicottiana. **Revista do NESME**, v. 14. n. 1, 2017

Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/vinculo/v14n1/v14n1a04.pdf> Acesso em: 06 nov. 2019.

ANDRES, S.S.; GOELLNER, S.V. Trajetórias esportivas de jogadoras de handebol e suas narrativas sobre ser profissional da modalidade. **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 527-538, abr./jun. de 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/79795/48577> Acesso em: 25 jun. 2020.

BAHIA, L.M.S.; SILVA, C.P.S. Relações de gênero no esporte: “o belo sexo” na competição de natação em mar aberto - travessia mar grande-salvador, bahia, brasil. **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 569-580, abr./jun. de 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/78174/48685> Acesso em: 25 jun. 2020.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: [http://www.biblioteca.fsp.usp.br/~biblioteca/guia/a\\_modelos.htm](http://www.biblioteca.fsp.usp.br/~biblioteca/guia/a_modelos.htm) Acesso em: 23 jun. 2020.

BRAUNER, V.L. Desafios emergentes acerca do empoderamento da mulher através do esporte. **Movimento**, v. 21, n. 2, p. 521-532, abr.-jun. 2015 . Doi: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.48156> Acesso em: 29 jun. 2020.

CAMPOS, R.C.; CAPPELLE, M.C.A.; MACIEL, L.H.R. Carreira Esportiva: O Esporte de Alto Rendimento como Trabalho, Profissão e Carreira. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 18, n. 1, p. 31- 41, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2030/203054256004.pdf>

GIGLIO, S.S.; GALATTI, R.L.; MACHADO, G.V.; ALTMANN, H.; PAES, R.R.; SEONE, A.M. desafios e percalços da inserção da mulher nos jogos olímpicos (1894-1965). **Recordes**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 1-22, jan./jun. 2018. Disponível: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Recordes/article/view/17868/10860> Acesso em: 09 mar. 2020.

GORDON, C. Physical activity in pregnancy: practical advice for women who run. **British Journal of Midwifery**, v. 27, n. 4, p. 214–218, 2019. Doi: <https://doi.org/10.12968/bjom.2019.27.4.214> Acesso em: 25 jun. 2020.

KLIEMANN, A.; BÖING, E.; CREPALDI, M.A. Fatores de risco para ansiedade e depressão na gestação: Revisão sistemática de artigos empíricos. **Mudanças – Psicologia da Saúde**, v. 25, n. 2, p. 69-76, jul.-dez., 2017. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MUD/article/view/7512/6006> Acesso em: 25 jun. 2020.

LOTT, M.L.; POWER, M.L.; REED, E.G.; SCHULKIN, J.; MACKEEEN A.D. Patient Attitudes toward Gestational Weight Gain and Exercise during Pregnancy. **Journal of Pregnancy**. v. 2019, set 2019. Doi: <https://doi.org/10.1155/2019/4176303> Acesso em: 08 mar. 2020.

MOMESSO, C.T. et al. Percepção de jovens atletas sobre o envolvimento dos pais em relação à sua participação esportiva. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 66-73, jun. 2016. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-03072016000100008](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-03072016000100008). Acesso em 07 nov. 2019.

MOURA, G.X.; STAREPRAVO, F.A.; ROJO, J.R. et al. Mulher e esporte: o preconceito com as atletas de Rugby da cidade de Maringá-PR. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 29, n. 50, p. 17-30, abr. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2017v29n50p17> Acesso em: 06 out. 2019.

OLIVEIRA, R.R.; MELO, E.C.; NOVAES, E.S.; FERRACIOLI, P.L.R.V.; MATHIAS, T.A.F. Factors associated to caesarean delivery in public and private health care systems. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**. São Paulo, v. 50, n. 5, p. 733-740, 2016. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-623420160000600004> Acesso em: 29. Jun. 2020.

PIVARNIK, J. M.; SZYMANSKI, L. M.; CONWAY, M. R. The Elite Athlete and Strenuous Exercise in Pregnancy. **Clinical Obstetrics and Gynecology**, v. 59, n. 3, p.613–619, 2016. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27398878/> Acesso em: 29 jun. 2020.

SANTOS, A.S.; VAGETTI, G.C.; OLIVEIRA, V. **Atletismo desenvolvimento humano e aprendizagem esportiva**. Edição: 1, Curitiba: editora Appris, 2017.

SHAMPAIN, K. et al. Injuries of the adolescent girl athlete: a review of imaging findings. **Skeletal Radiol**, v. 48, p. 77-88, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s00256-018-3029-y> Acesso em 04 de out.2019.

YOOSEFI, M. et al. Gestational weight gain during pregnancy and its determinants: A longitudinal study. **American Journal of Obstetrics and Gynecology**, v. 4, n. 1, p. 8-13, 2018. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.ajog.2017.05.040> Acesso em: 29 jun. 2020.